

INTE BU LO SAS

narcisa
amália

textos
informativos:
fátima
mesquita

© Panda Books

Direção editorial
Marcelo Duarte
Patth Pachas

Gerente editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Assistentes editoriais
Henrique Torres
Laís Cerullo
Elis Nunes

Projeto gráfico e capa
Casa Rex

Diagramação e pesquisa iconográfica
Daniel Argento

Notas
Fátima Mesquita

Estabelecimento de texto
Ronald Polito

Edição das notas
Olívia Tavares

Revisão
Olívia Tavares
Clarisse Lyra
Ronald Polito

Fotos

P. 46: © Alexkom000/Wikimedia Commons/CC BY 4.0; p. 50: © Krzysztof Ziarnik, Kenraiz/Wikimedia Commons/CC BY-SA 4.0; p. 62: © Meneerke bloem/Wikimedia Commons/CC BY-SA 3.0; p. 69: © C T Johansson/Wikimedia Commons/CC BY 3.0; p. 123: © Collectie Wereldmuseum (v/h Tropenmuseum)/National Museum of World Cultures/Wikimedia Commons/CC BY-SA 3.0; p. 140: © Sailko/Wikimedia Commons/CC BY 3.0.

Impressão
Corprint

Este livro foi estabelecido com base na primeira edição, de 1872, publicada pela B. L. Garnier.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A497n

Amália, Narcisa, 1852-1924

Nebulosas / Narcisa Amália; textos informativos: Fátima Mesquita. – 1. ed. – São Paulo: Panda Books, 2026. il.

ISBN 978-65-5697-451-4

1. Poesia brasileira. I. Mesquita, Fátima. II. Título.

25-100729.0

CDD: B869.1

CDU: 82-1(81)

Bibliotecária: Carla Rosa Martins Gonçalves – CRB-7/4782



2026

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Instagram e TikTok.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

O QUE É UM CLÁSSICO?

Não sei você, mas pra mim “clássico” mesmo é jogo de futebol, tipo Fla X Flu, Coringão X Porco, Brasil X Argentina. Só que, na escola, os professores de português e de literatura cismavam em dizer que “clássico” eram os livros chatos que eles queriam porque queriam que a turma toda lesse. Ah, e não bastava empurrar pra cima da gente livro velho de fala complicada que a gente mal entendia. Além disso, eles ainda queriam que a gente fizesse exercício e prova sobre os textos. Pode haver castigo maior? E por que é assim?

Na minha aventura para tentar entender esse grande mistério da humanidade, comecei checando no dicionário o que quer dizer a palavra “clássico”. A definição varia de A a Z, mas lá pelas tantas diz mais ou menos assim: “Obra que se mantém ao longo dos tempos, que se tornou um modelo de inspiração, que pela sua qualidade obteve consagração definitiva”.

Beleza. Pra mim, saber melhor o que é considerado um “clássico” já ajudava a entender muita coisa, mas não mudava a minha opinião de que os clássicos eram uns chatos de galocha! E eu segui batendo nessa tecla por muito tempo, até que resolvi reler livros que eu havia empurrado com a barriga na escola pra ver se dava para acabar com essa conversa de sempre: de que os tais “clássicos da literatura brasileira” eram uns livros mais chatos que bêbado contando sonho. E, galera, vou admitir: quanto mais eu lia, mais eu gostava do que eu lia e mais eu me espantava com isso :)

UMA NUVEM INTERESTELAR DE GÁS E POEIRA

Dá para definir uma nebulosa como uma nuvem de gás e poeira que flutua lá nas alturas bem distantes do céu, entre as estrelas, sem poder ser vista por nós cá na Terra, a não ser com o uso de telescópios. E a Narcisa Amália de Campos (1852-1924) é um pouco essa beleza meio escondida, que está lá, mas quase não é vista, pensada ou admirada.

Bom, até dá para entender um tiquinho que o talento dela fosse um espanto e encontrasse barreiras. Afinal, num dia comum

do século XIX, uma moça de apenas vinte anos, sem sobrenome relevante, nascida numa cidade do norte do Rio de Janeiro, aparece com um livro de poemas publicado pela Garnier, uma importante editora do país na época – e que era justinho este *Nebulosas* que você está lendo agora. Incrível, né? Mas naquela altura, cho-veram perguntas com sabor de preconceito: quem era aquela moça? Como é que uma mulher tinha conseguido escrever uma coisa assim, tão séria, bem-feita e talentosa?

Pois é, ser autora de livro não era algo muito comum entre as mulheres. Além do mais, Narcisa não só tinha a manha de escrever de um jeito legal e original, mas também carregava com ela uma ousadia rara, abordando em suas letras assuntos polêmicos da época, como o fim da monarquia e a esperança de que o Brasil se tornasse uma república, a batalha que rolava pela abolição da escravidão, a guerra contínua para abrir espaço para a existência das mulheres fora do papel único de satélite dos homens, o esforço para tentar entender o que seria a identidade do povo brasileiro, e por aí afora.

Então, aquela estreia da Narcisa no mundo da poesia brasileira foi um choque geral. Muita gente ficou de queixo caído e aplaudiu a moça. Porém, também teve uma galera que ficou foi de boca aberta falando mal dela sem parar, espalhando *fake news* por inveja, ciúmes ou simplesmente porque não conseguia imaginar que uma mulher pudesse escrever tão bem. E a verdade é que infelizmente essa turma do contra venceu no final.

Isso mesmo: o primeiro livro da Narcisa foi também seu último, pois não demorou nada para ela descobrir que não havia espaço nem sossego para as mulheres interessadas em uma carreira de poeta naquele Brasil da segunda metade dos anos 1800.

Em compensação, saiba você que ela, a Narcisa Amália, alcançou uma façanha inacreditável ao se tornar a primeira mulher jornalista do país. Além disso, ela fundou o seu próprio jornal em 1884, batizado de *A Gazetinha*, que tinha como público-alvo a mulherada. Outra coisa interessante é que ela publicou um conto em 1873 no jornal *A República*. O título era “Nelúmbia”, que faz referência à *Nelumbo nucifera*, a popular flor-de-lótus.

DA PADARIA PARA A LIVRARIA

O pai da Narcisa Amália era Joaquim Jácome de Oliveira Campos Filho, um professor, grande leitor, jornalista e intelectual. Sua mãe, Narcisa Inácia Pereira de Mendonça, também era inteligente, professora, além de consumidora de livros e jornais. E essa dupla deu asas para a curiosidade e a inteligência da filhota, ensinando para ela os mistérios de ler e escrever em português quando ela era ainda uma criancinha de apenas quatro anos. Depois, ela aprendeu latim e francês, e passou a ler com o maior apetite pelo conhecimento. Narcisa cresceu assim, cheia de ideias, opiniões e energia criativa, produzindo traduções e textos próprios que logo começaram a ser publicados nos jornais locais e, mais tarde, nos do Rio de Janeiro, a capital do país.

Ao mesmo tempo, Narcisa também se apaixonou e tomou alguns tombos. Seu primeiro casamento aconteceu lá pelos catorze anos de idade. A família havia se mudado para a cidade de Resende, também no Rio, por conta de uma doença pulmonar do pai. Lá, ela conheceu e se casou com um poeta de dezoito anos, o João Batista da Silveira. O casamento, porém, não durou muito. O moço aparentemente decidiu atuar como vendedor viajante e sair pelo país afora explorando um teatro ambulante. Desiludida, então, Narcisa voltou para a casa dos pais, de onde só saiu anos depois para morar numa padaria.

É que Narcisa se casou uma segunda vez, aos 28 anos, com o padeiro Francisco Cleto da Rocha, mais conhecido como Rocha Padeiro. A padoca e a casa deles eram coladas. No começo, Rocha achou graça na inteligência da moça, que era mesmo bonita e charmosa. Mas, com o tempo, começou a bater um ciúme. Ela fazia saraus literários em casa, tinha uns papos diferentes, com ideias modernas e... bum! O casamento foi para o espaço. Narcisa fez as malas e se mudou para a capital, onde passou a viver de sua escrita para jornais e revistas daqui e do estrangeiro, atuando como professora e crítica literária, além de ter seu livro *Nebulosas* à venda e participar ativamente na luta pelos direitos das mulheres.

E o Rocha Padeiro, gente? Ah, ele fez o maior auê espalhando o boato de que Narcisa não era a verdadeira autora da

sua obra, que no livro só tinha poema dos muitos amantes dela... Meus saís, que dor de cotovelo tamanho extra G, seu Rocha!

DORES E FLORES

Claro que a vida da nossa autora não foi só dor. Ela aproveitou bem alguns momentos de reconhecimento, como quando o respeitado Machado de Assis (1839-1908) elogiou seu livro *Nebulosas* num artigo de jornal, ou quando o d. Pedro II (1825-1891), numa visita a Resende, fez questão absoluta de ir lá na padaria conhecer pessoalmente aquela autora que ele admirava, ou ainda na ocasião em que ela foi premiada por seus escritos.

Mas, cá entre nós, isso tudo era coisa miúda, porque no final o que seguiu a barra da existência da autora foi mesmo o magistério. Quando ela morreu no Rio de Janeiro, em 1924, estava bem debilitada, cega e esquecida. Não se sabe se a única filha, Alice Violeta, ainda estava viva ou se tinha dado netos à Narcisa.

NEBULOSANDO

Republicana, abolicionista, feminista e patriota, Narcisa Amália traz neste *Nebulosas* 44 poemas que têm tudo a ver com o Romantismo brasileiro e suas três fases. É que a primeira geração romântica fala muito de temas ligados à identidade nacional, elogiando nossas paisagens e natureza e dando aquela valorizada nesta nossa pátria chamada Brasil – e o *Nebulosas* tem isso!

Já na segunda fase, conhecida como Ultrarromantismo, a levada é mais melancólica, com aquela sofridinha doída, um pessimismo intenso, pontuado por uns túmulos, uns mortos, uma coisa meio deprê no texto – e o *Nebulosas* tem isso também!

Enfim, a terceira etapa da vida do Romantismo na literatura brasileira é identificada pelo desejo de liberdade, justiça social e libertação política. É uma fase engajada, cheia de ideais e denúncias, em que os autores e autoras entendem que têm um papel ativo na produção de mudanças – e o *Nebulosas* também traz isso!

Agora, é fácil de ler? Sim e não! Porque ela era uma intelectual antenada com o século em que vivia. Ela escreve com um vocabulário que pode ter sido pesado naqueles tempos, mas que com certeza dá trabalho pra gente decodificar hoje em dia.

Pelo mesmo motivo, ela mistura em seus poemas citações de muitas coisas, acontecimentos, pessoas e textos que estavam em evidência na época e contexto dela, lá nos 1800 e trololó, mas que hoje podem às vezes causar certa aflição cósmica. E é aí que a nossa edição vem para desfazer nós e oferecer um caminho mais tranquilo de trilhar por essa Narcisa cheia de brilho.

Você vai encontrar aqui um caminhão de **ajudas**. Li tudo com carinho e fui colocando sinônimos e explicando termos para facilitar a sua vida. Deixei também umas histórias resumidas para dar contexto a algumas situações e colocações dela. Além disso, há dicas de vídeos e ilustrações variadas que também ajudam a fazer da leitura uma condução mais em linha reta, sem buraco na pista. Basta você tirar um tempinho para fazer essa viagem ao passado (que tanto nos ensina sobre o nosso presente) e atravessar com facilidade esta coletânea de poemas escritos por uma mulher cheia de garra, que com a sua ousadia abriu espaço para muitas outras autoras existirem, no passado e agora.

Fátima Mesquita

Fotos para contextualizar a cena.

Sugestões de pesquisa na internet.

Comentários curtos e curiosidades.

Dicas de vídeos para assistir on-line.

Significado de palavras e expressões em **vermelho**.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

SEGUNDA PARTE

Prefácio da primeira edição 11

Nebulosas 32

Voto 38

Saudades 40

Linda 42

Aflita 45

Aspiração 47

Confidência 49

Desengano 51

Desalento 53

Agonia 55

Consolação 57

Amargura 59

Fragmentos 62

Cisma 64

Resignação 66

Invocação 68

No ermo 71

O Itatiaia 75

Vinte e cinco de março 80

Manhã de maio 83

A Resende 86

TERCEIRA PARTE

Miragem	90
Lembras-te?	93
À lua	95
Sete de setembro	97
A noite	101
Vem!	104
Pesadelo	106

Castro Alves	115
A A. Carlos Gomes	119
Visão	121
A festa de S. João	124
Recordação	129
O sacerdote	131
Amor de violeta	134
O africano e o poeta	136
<i>Sadness</i>	139
O baile	141
Fantasia	144
Júlia e Augusta	147
Noturno	149
A rosa	152
Ave-Maria	154
Os dous troféus	157
Notas	167

PANDA BOOKS

PREFÁCIO DA PRIMEIRA EDIÇÃO

I

Jura dicturi estis.

T. L.

Ditareis a lei.

É uma lição digna de se imitar, embora perdida no vasto recinto da ignorância, a publicação de um livro.

Um dos nossos **folhetinistas** já liquidou a causa do marasmo literário, qualificando de indiferença esse torpor que envelhece uma nova sociedade. – *Artes e Letras – Reforma de 1870.*

Denuncia essa peste o nosso primeiro escritor, J. de Alencar¹.

Somos de ontem, ainda não temos a nossa história antiga, e vivemos sob o império do desânimo.

Quando em uma nação, as artes, as letras, as ciências cumprem o inglório destino da planta que nasce, vive e morre dos abismos de um subterrâneo, ou o do mendigo na festa do **opulento**, e representam o papel humilde de uma nave arruinada, de um **campanário** sumido nas **heras**, entre os suntuosos palácios da cidade vaidosa, essa nação tem chegado ao seu ultimo grau de decadência. Nessa hora triunfam os analfabetos, os mercadores de escândalos, os demolidores de tudo quanto é nobre e principalmente do que constitui o orgulho de um país – a sua glória literária.

Profundando o coração do povo, Addison², Balzac³, La Bruyère⁴, La Rochefoucauld⁵ e outros quiseram explicar a

¹ José de Alencar (1829-77), autor cearense de clássicos como *O guarani*, *Senhora* e *Iracema*, é considerado um dos pais da literatura brasileira.

² Joseph Addison (1672-1719) foi um poeta e ensaísta inglês.

³ Honoré de Balzac (1799-1850) foi um famoso escritor francês.

⁴ Jean de La Bruyère (1645-96) foi um filósofo e moralista francês.

⁵ François de La Rochefoucauld (1613-80) foi um escritor e intelectual que nasceu na França.

Q O italiano Tito Lívio (c. 59 a.C.-17 d.C.) escreveu, em latim, *Ab urbe condita* [Desde a fundação da cidade], obra com vários volumes que narra a história de Roma.

Q Folhetinista era o escritor de folhetins, um tipo de novela publicada, um capítulo por vez, nos jornais dos anos 1800.

Opulento: rico, luxuoso.

Q Campanário é a torre onde fica o sino.

Q Hera é uma espécie de planta trepadeira.

Traduzindo: rebaixa (sevandija) o bem (virtude) e venera (ajoelha) o mal (vício); proíbe (proscreeve) o crime e endeusa (deifica) a honra (probidade).

Desvalido: pobre, miserável.

Cabido: merecido, adequado.

"Folgar", aqui, quer dizer "dar espaço".

Medrar: progredir, prosperar.

Fenomenologia é uma corrente filosófica que surgiu na segunda metade do século XIX para tentar entender a consciência humana.

Ontológico tem a ver com a teoria filosófica sobre o ser e sua essência.

ingratidão do público, esse equívoco soberano de todas as idades, o qual, nem Buffon⁶, nem os modernos naturalistas e escritores políticos classificaram e definiram.

O público de hoje, como o de todos os tempos, **sevandija a virtude e ajoelha ao vício; proscreeve o crime e deifica a probidade.**

O público! é uma torre de ventos.

– Vemos os bons descaídos
E os maus mui levantados,
Virtuosos **desvalidos**,
Os sem virtudes **cabidos**
Por meios falsificados.

– Vemos honrar lisonjeiros
E **folgar** com murmurar,
E caber mexeriqueiros,
Os mentirosos **medrar**
Desmedrar os verdadeiros.

Garcia de Resende⁷

Assim foi, começou com o mundo, não o podemos reformar.

II

O desenvolvimento intelectual da humanidade, os períodos de harmonia entre as raças e as descobertas do espírito humano, todos esses autênticos monumentos das vítimas pacíficas do talento, falam e atestam a influência da literatura sobre a forma poética e política.

Quer se investigue a **fenomenologia** da consciência, quer os atos da inteligência, quer as formas abstratas e subjetivas do pensamento nas suas periódicas revoluções do mundo **ontológico**, acharemos a poesia exercendo a sua legítima influência.

⁶ Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon (1707-88), foi um matemático, naturalista e escritor francês.

⁷ O português Garcia de Resende (1470-1536) foi poeta e editor.

Percorrendo-se a idade de oposição, de variedade; analisando-se as épocas da formação dos caracteres escritos, da linguagem e a nova união de **cousas**, da moral social, da felicidade doméstica, da harmonia com as ciências, com as artes, com a religião, nós reconhecemos que a poesia tem uma ação eficaz, refletida, que preside a todo o constitutivo orgânico das épocas e do povo, noção esta que nos está ensinando a filosofia da história e o Direito Natural.

Confessemos: – Um livro de versos é uma lição. Ariosto⁸, Dante⁹, Tasso¹⁰, Cervantes¹¹, Lope de Vega¹², Martinez¹³, Racine¹⁴, Béranger¹⁵ e Hugo¹⁶, Optitz¹⁷, Wesland¹⁸, Goethe¹⁹,

“Cousa” é o mesmo que “coisa”.



8 Ludovico Ariosto (1474-1553), poeta renascentista italiano, foi o autor do poema épico *Orlando furioso* (1516).

9 Dante Alighieri (1265-1321), escritor e poeta nascido em Florença, na Itália, escreveu *A divina comédia* (1314).

10 Torquato Tasso (1544-95), outro escritor da Itália, foi autor do poema épico *A Jerusalém libertada* (1581).

11 O espanhol Miguel de Cervantes Saavedra (1547-1616) escreveu o romance *El ingenioso hidalgo Don Quixote de la Mancha*, ou só *Dom Quixote*, publicado em duas partes (a primeira em 1605, a segunda em 1615).

12 Félix Lope de Vega y Carpio (1562-1635), poeta, romancista e dramaturgo conterrâneo de Cervantes, foi autor de *La arcadia e Amarilis* (1598).

13 Esse Martinez provavelmente é o espanhol Alfonso Martínez de Toledo (1398-1468), arcebispo de Talavera, que escreveu *El corbacho o Reprobación del amor mundano* (1498).

14 Jean-Baptiste Racine (1639-99), renomado dramaturgo francês, escreveu muitas peças trágicas, sendo a mais famosa *Fedra* (1677).

15 Pierre Jean de Béranger (1780-1857) foi o mais influente compositor da França no século XIX.

16 O francês Victor-Marie Hugo (1802-85), poeta, dramaturgo e romancista, escreveu obras como *Notredame de Paris* (1831), que ficou popular como *O corcunda de Notredame*, e *Os miseráveis* (1862).

17 Martin Opitz von Boberfeld (1597-1639) foi um poeta alemão que fez muito sucesso em seu país no século XVII.

18 Tudo indica que houve um errinho na grafia, e Wesland, na verdade, é o tradutor e poeta alemão Christoph Martin Wieland (1733-1813), autor de *A história de Agathon* (1766) e *Musarion* (1780).

19 Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), para muita gente o maior escritor alemão de todos os tempos, foi autor de *Os sofrimentos do jovem Werther* (1774) e *Fausto* (1790).

☐ Concílio ecumênico é uma reunião do papa com todos os bispos católicos para discutir questões importantes da fé, da doutrina e da Igreja.

☐ Aforismo é um texto curto com uma lição de moral.

☐ Mártir é alguém que sofre e se sacrifica por um ideal, por uma causa.

☐ Frase inspirada na passagem “La gloire est le soleil des morts” [A glória é o sol dos mortos] do livro *À procura do absoluto* (1834), de Honoré de Balzac.

Pope²⁰, Dryden²¹, Shakespeare²², Byron²³, Camões²⁴, Ferreira²⁵, Bocage²⁶, Basílio da Gama²⁷, Gregório de Matos²⁸, Magalhães²⁹, formam o **concílio ecumênico** da poesia, donde vieram até nós, não os dogmas, não as contradições e ultrajes à razão, mas os **aforismos** que constituem o código da humanidade.

O livro de versos tem sido lição aos reis; a palavra de ordem dos povos civilizados, órbita ao redor da qual o mundo gira.

A poesia pode dizer:

– Eu ilumino a história!

– O que ela oculta, eu denuncio!

– Eu levanto do túmulo os heróis; vingo os **mártires**; puno os traidores.

– **Eu sou a glória – o sol dos mortos!**

Que o diga a eternidade, e que conteste
O tempo, a terra, a humanidade inteira.

A minha rival, a arte, poderia dizer:

– Sou uma cidadã dos séculos futuros!

– Eu a antecedi; eu a hei de exceder. »

20 Alexander Pope (1688-1744) é um dos maiores poetas britânicos dos anos 1700.

21 John Dryden (1631-1700) foi um poeta e crítico literário inglês.

22 Dramaturgo e poeta nascido na Inglaterra, William Shakespeare (1564-1616) deixou peças incríveis, como *Romeu e Julieta* (1597), *Rei Lear* (1606) e *Macbeth* (1623).

23 George Gordon Byron, o Lord Byron (1788-1824), foi um poeta inglês ícone do romantismo na literatura. Foi o autor de *Don Juan* (1816).

24 Luís Vaz de Camões (c. -1580), grande nome da poesia portuguesa, escreveu *Os Lusíadas* (1572).

25 Antônio Ferreira (1528-69) foi um escritor renascentista de Portugal.

26 O português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) foi escritor e poeta, sendo um dos grandes representantes do arcadismo.

27 José Basílio da Gama (1741-95), de pseudônimo Termino Sepílio, foi o poeta luso-brasileiro autor do poema épico *O Uruguai* (1769).

28 Gregório de Matos e Guerra (1636-96), o Boca do Inferno ou Boca de Brasa, foi um poeta e advogado baiano muito crítico da Igreja Católica.

29 Domingos José Gonçalves de Magalhães, o visconde do Araguaia (1811-82), escreveu o famoso poema *A confederação dos tamoios* (1856).

- Fui o gênio de todos os cultos, de todas as seitas.
- Servi ao ódio, à inveja; servi mais à caridade, ao entusiasmo, ao direito, à verdade, à justiça.

A China

“O murado **redil**, a terra **impéria**,
Retraída dos povos pelo orgulho
Do **bonzo mercenário**, **avesso à cruz**,”

foi o meu feudo.

– “Ásia! que encerras da natureza os dotes
E do mundo moral a – ‘**prisca** origem,
Desde a **plaga** da luz, mãe da palmeira,
Té a noite polar, que alenta o pinho,
Soe o teu nome para glória eterna.’ –
Em teu seio vivi, deixei-te opressa,
Punida no castigo de teus sonhos.”

III

Presentemente a poesia que ideia social **aduz ou combate?**

Que lei moral ataca ou defende?

Vivemos, como outros povos, de uma poesia **emérita**?

Há ganhadores, assalariados, mercenários **venais** como esses que se alugam à política, imbecis que fingem ignorar que sempre se depende da mão que paga?

Não sabem que o seu **apostolado** é um charlatanismo criminoso, um roubo organizado que exercem contra a dignidade dos escritores honestos, dos literatos, dos homens de letras, únicos sacrificados neste país?!

Pregando a vilania dos sentimentos, negam aos outros o que não possuem, embora se lhes grite:

– O que se aluga VENDE-SE!

Redil: curral.

Império: inacessível, impenetrável.

☐ Ou seja: monge budista (bonzo) interesseiro (mercenário) que não é cristão (avesso à cruz).

Prisco: antigo, velho.

Plaga: local, terreno.

Aduzir: apresentar, expor.

Emérito: reconhecido.

Venal: corrupto, vendido.

Apostolado: princípio, doutrina.

IV

Creio nos esforços da literatura contemporânea.

Cada povo tem faculdades primitivas e necessidades particulares. As ideias **arraigadas** nos hábitos desse povo, não cedem seu império, senão depois de combates **porfiados** e lutas sanguinolentas. É por isso que ante as conveniências da política e as necessidades da indústria a poesia não se justifica.

Eu sei que a rotina, economicamente falando, tem a sua justificação; portanto **anistiemos** desta batalha a Indústria e digamos porque é oposta à política.

Tem o seu fundamento histórico sem ter o racional, a demonstração.

A política tem sido e continuará a ser, em muitos casos, e em muitos países, a arte e a ciência dos nulos e perversos.

Luiz XI³⁰, apesar dos seus oficiosos biógrafos, é um cínico; Voltaire³¹, Montaigne³² e Montesquieu³³, por orgulho político, quiseram explicar os **dogmas** e os segredos das instituições. Tudo confundiram. Talleyrand³⁴ foi mais célebre pela hipocrisia que pelo seu gênio. Ele, outros, e muitos, e nesse número alguns dos nossos pretensos estadistas que **fazem praça de muito sagazes**, são desdenhados. Voltaire-político, é um intrigante **inepto**; mas o poeta da solidão de **Fernay**, era um castigo dos déspotas.

Rousseau³⁵ é admirado unicamente naquelas obras em que o filósofo ou o político é vencido pelo poeta.

Entremos ou penetremos a nossa lareira.

Arraigado: firme, fixado.

Q Porfiado é aquilo em que há muita luta, que é muito disputado.

Anistiar: perdoar, absolver.

Dogma: regra, doutrina.

Q Ou seja, falam por aí (fazem praça) que são muito espertos (sagazes).

Inepto: inábil, confuso.

Q A cidade francesa de Ferney foi rebatizada como Ferney-Voltaire em homenagem ao filósofo, que morou por lá.

30 Luís XI (1423-83), o Prudente, foi rei da França entre 1461 e 1483.

31 Voltaire era o pseudônimo usado pelo famoso filósofo, historiador e escritor francês François-Marie Arouet (1694-1778).

32 Michel Eyquem de Montaigne (1533-92) foi outro importante filósofo e escritor da França.

33 Charles-Louis de Secondat, o barão de Montesquieu (1689-1755), foi um escritor e pensador francês.

34 Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838) foi um político e diplomata francês.

35 Jean-Jacques Rousseau (1712-78) foi um renomado escritor, teórico político e filósofo suíço, autor da obra *Do contrato social* (1762).